

SESSÕES DO PLENÁRIO

33ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 11 de agosto de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em comemoração ao centenário de Jorge Calmon, proposta pela Mesa Diretora.

Para compor a Mesa, convido o Sr. Secretário de Comunicação Social, André Curvello, representando o governador Rui Costa; o Sr. Presidente da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, e filho do homenageado, Jorge Calmon Filho; a Srª Procuradora Adjunta Luciane Croda, representante do Procurador-geral do Estado, Paulo Moreno; o Sr. Ex-Governador e Vereador Waldir Pires; o Sr. Presidente do Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Inaldo Araújo; o Sr. Francisco Sena, representante do presidente do Tribunal de Contas dos Municípios, conselheiro Francisco Neto; o Sr. Presidente da Associação Baiana de Imprensa, Walter Pinheiro; o Sr. Presidente da Assembleia-Geral da Associação Baiana de Imprensa, Samuel Celestino; o Sr. 1º Vice-Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Adolfo Menezes; o Sr. 2º Vice-Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Tom Araújo; o Sr. 3º Vice-Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Carlos Geilson; o Sr. 4º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Sidelvan Nóbrega.

Convido todos os presentes a acompanhar o Hino Nacional Brasileiro, cantado pelo Coral da Assembleia Legislativa, sob a regência do maestro Cícero Alves.

(Execução do Hino Nacional Brasileiro.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar o vice-presidente desta Casa, deputado Adolfo Menezes, para presidir esta sessão especial, a fim de que eu possa saudar o homenageado.

(O Sr. Adolfo Menezes assume à Presidência dos Trabalhos.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Com a palavra o deputado Marcelo Nilo, presidente desta Casa.

O Sr. MARCELO NILO:- Meu querido presidente Adolfo Menezes; meu

querido secretário de Comunicação Social, André Curvelo, representante, neste ato, do governador Rui Costa; Sr. Jorge Calmon Filho, presidente da Associação Cultural Brasil Estados Unidos e filho do homenageado Jorge Calmon; Sr^a Procuradora-Geral Adjunta, Luciane Croda, representante do Procurador-Geral do Estado, Paulo Moreno Carvalho; meu querido amigo, ex-governador e atual vereador Waldir Pires; meu querido presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, conselheiro Inaldo Araújo; Sr. Francisco Sena, representante do presidente do Tribunal de Contas dos Municípios, o conselheiro Francisco Neto que nos telefonou a fim de pedir desculpas, pois, por motivos superiores, não pôde estar presente; meu querido presidente da Associação Baiana de Imprensa, jornalista Walter Pinheiro; meu querido amigo e presidente da Assembleia Geral da Associação Baiana de Imprensa, Samuel Celestino; meu querido 2º vice-presidente, deputado Tom Araújo; meu querido 3º vice-presidente, deputado Carlos Geilson; meu querido deputado Sildevan Nóbrega, 4º Secretário; meus queridos pares presentes como os deputados Herzem Gusmão, Hildécio Meireles, Luciano Ribeiro, Luciano Simões Filho, Pablo Barrozo, Pedro Tavares, senhores e senhoras, enfim, todos os presentes, já fiz, nesta Casa, 2.314 discursos. Este é o segundo discurso que faço por escrito, cumprindo uma tradição, nestes momentos muito especiais e importantes para o Poder Legislativo baiano.

(Lê):- “Poucos baianos, nascidos neste século, tiveram uma trajetória de vida tão interessante e produtiva quanto a de Jorge Calmon Moniz de Bittencourt. Poucos homens públicos passaram por esta terra com tamanha capacidade para o exercício dos elevados postos que ocupou vida pública como nas áreas de política, administração pública ou em organizações da sociedade civil.

Jorge Calmon Moniz de Bittencourt foi deputado, secretário de Estado, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, professor, acadêmico e, sobretudo, diretor e redator do maior jornal do Norte e Nordeste: *A Tarde*.

Este jornal é uma verdadeira instituição da Bahia – fundado e dirigido por Simões Filho – consolidou-se, durante 7 décadas, através do trabalho de Jorge Calmon, pois ele nunca deixou de colaborar com o jornal *A Tarde*.

Minhas senhoras e meus senhores, ousou dizer que poucos homens públicos baianos tiveram a exata compreensão da sua finalidade, do seu papel político, quanto Jorge Calmon, de quem reverenciamos a memória e o legado no ano do seu centenário de nascimento. Vou além. Jorge Calmon representou o que de melhor a elite cultural e política do Brasil e de qualquer outro país do mundo é capaz de produzir.

Homenageamos aqui um homem correto a toda prova; ético; capaz; detentor de vasta cultura; educação primorosa e formação profissional diversificada. Diplomata no trato, porém dono de uma vontade férrea. Jamais transigiu com seus princípios.

Minhas amigas e meus amigos! Homenageamos, sem dúvida alguma, um cidadão baiano, um cidadão raro, ímpar mesmo, sempre devotado aos maiores interesses da Bahia e dos baianos. Permitam-me, familiares, amigos e admiradores de

Jorge Calmon, um breve parêntese. Esta homenagem conclui um ciclo de comemorações. Uma vasta programação foi organizada pela ABI, e contou com a realização de sessões solenes também na Academia de Letras da Bahia e no Tribunal de Contas do Estado, entre outras instituições.

A presente sessão foi solicitada a esta Presidência pelo meu querido amigo jornalista Samuel Celestino, discípulo e admirador de Jorge Calmon e, com certeza, o mais importante profissional de imprensa da Bahia de sua geração. Articulista de elevado padrão que, em sua militância diária, informa e orienta.

Senhoras e senhores, Jorge Calmon Moniz de Bittencourt nasceu no bairro de Nazaré em 1915, fez o ensino médio no Colégio Antônio Vieira e formou-se em Direito, mas foi no Jornalismo que encontrou sua grande paixão profissional. Também foi auditor-fiscal; graduou-se em Engenharia; concluiu mestrado em Administração; foi historiador e talhou uma personalidade inesquecível para tantos que o conheceram ou trabalharam ao seu lado, em especial na redação do jornal *A Tarde*, onde começou em 1934. Chegou à chefia da Redação e só se desligou em 2006, ano do seu falecimento.

Foram 72 anos no exercício do jornalismo; do melhor jornalismo!

Minhas senhoras e meus senhores, elegante no texto, sóbrio nas ideias e nas atitudes, o Doutor Jorge, como era conhecido, foi uma referência para gerações na Redação do jornal *A Tarde* e fora dela.”

Lembro-me de que eu estava no Banco do Brasil, numa fila enorme, e lá se encontrava o Dr. Jorge Calmon. Naquela época não havia fila para idoso, e eu vi o Dr. Jorge Calmon no final da fila. Eu conversei com o gerente do banco e disse que o Dr. Jorge era um idoso, diretor do jornal *A Tarde*, e ele iria ficar no mínimo duas horas naquela fila. O gerente foi buscá-lo, e ele não queria sair da fila. Porém o gerente insistiu tanto que ele ficou na frente, um tanto quanto constrangido, dando satisfação às pessoas que estavam no início da fila. Este era o Dr. Jorge.

Minhas senhoras e meus senhores, (Lê):- “Ele testemunhou e viveu uma verdadeira revolução nos meios de comunicação. No início do século passado, os repórteres faziam textos à mão. Passaram para a máquina de escrever e depois para os modernos computadores. Tudo isso ele comandou como repórter, editor e diretor-redator-chefe do jornal *A Tarde*. Toda a história da Bahia foi registrada e impressa sob sua diligente batuta, não faltando, quando necessário, a opinião de um grande jornal.

Minhas amigas e meus amigos, “*A Tarde*” sempre esteve presente nas grandes campanhas em favor de nosso estado e da nossa gente. Este jornal nunca faltou para com a Bahia.

E certamente não o fará, pois foi erguido em bases sólidas, confiáveis, igualmente centenárias, - fiel aos ideais de seu fundador, Simões Filho, e do Doutor Jorge Calmon.

Minhas senhoras e meus senhores, lembro que o Doutor Jorge Calmon também

dirigiu a Biblioteca Pública de 1938 à 1942, e, em 1947, entrou para a política através dos seus amigos Luís Viana Filho e Nestor Duarte. Aos 32 anos foi eleito e chegou a essa Casa filiado à UDN, passando em seguida para o Partido Libertador.

No seu segundo mandato, de 1951 a 1954, o Doutor Jorge consolidaria sua atuação como deputado estadual, se destacando na formulação da Lei Orgânica do município de Salvador.

Participou ainda dos estudos e desenvolvimento do processo de taxaço do Petróleo extraído na Bahia. Matéria complexa, que rende frutos até hoje.

No serviço público estadual, ele foi ainda Secretário do Interior e Justiça de 1963 a 1967, na administração do Governador Lomanto Júnior.

E atuou como professor na faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Uma das maiores contribuições do Doutor Jorge na área do ensino superior, foi a sua participação na criação do primeiro curso de Jornalismo do estado, em 1949.

Ele tocou o projeto, sem receber qualquer remuneração, e ao mesmo tempo abriu as portas de “*A Tarde*” em apoio aos bacharéis em Jornalismo. Sempre na defesa de uma formação mais cuidadosa do profissional de imprensa.

Assumiu em 1965, senhoras e senhores, uma cadeira na Academia de Letras da Bahia.

Tornado acadêmico aos 50 anos de idade, ele não se considerava escritor e o disse em seu discurso de posse, que tudo que havia publicado até então teve como destino as páginas de um jornal.

Atuante, participativo, Jorge Calmon se destacou na sociedade e na cultura do nosso Estado, integrando-se ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e presidiu a Associação Baiana de Imprensa num período de extremas dificuldades institucionais para o País, de 1972 a 1974.

O Doutor Jorge Calmon sempre atuou como patrono dessas instituições tão caras a nossa cultura.

Ainda que não estivesse a comandá-las pessoalmente, nunca deixou de comparecer a suas reuniões e sessões — mesmo que outras obrigações reclamassem seu tempo.

Senhoras e Senhores presentes,

Fiel a sua vocação de jornalista, o Doutor Jorge escreveu até o final da vida.

Um dos seus últimos artigos impressos foi publicado em outubro de 2006 e tratava de um tema que hoje volta a aparecer, como proposta de um dos candidatos a presidência dos Estados Unidos:

A construção de um muro na fronteira que separa aquele país do México.

Ele comentou, no artigo, sobre o mal que tal construção causaria a liberdade dos cidadãos dos dois países e seu reflexo em decisões internacionais de segregar e manter limites geográficos, como forma de conter a imigração.

Ele nunca escondeu a sua simpatia para com a nação Norte Americana, mas considerava incompatível a atitude de erguer o muro em um país que tinha como seu principal símbolo a estátua da liberdade.

Como vimos, esse muro se expandiu para o Oriente Médio, e para a Europa, sem que o problema da desigualdade e o flagelo das guerras, tenham sido ao menos reduzidos.

Por último, mas nem por isso menos importante, amigas e amigos aqui presentes, abordo agora a sua relação familiar, e o zelo com que cultivou amizades em sua produtiva existência.

O doutor Jorge Calmon foi um pai de família extremado, amoroso, presente na vida de seus filhos, genros, noras, netos e esposa.

Em todos soube inculcar, com a suavidade que era sua marca indelével, os valores que marcaram sua existência, legando a Bahia uma descendência a sua imagem.

Aos amigos nunca faltou e sempre se fez presentes nos momentos felizes e naqueles mais graves.

Minhas amigas e meus amigos,

Exemplo de vida profissional, O jornalista Jorge Calmon é um marco e inspiração, ainda hoje, para centenas de profissionais da imprensa baiana.

Oxalá sua memória possa ser preservada através das gerações como o grande homem que foi na vida pública e privada.

A Assembleia Legislativa já o homenageou com a publicação de um perfil biográfico, integrante da coleção Gente da Bahia...”

Porque quando assumimos esta Casa, meu querido Samuel Celestino, procuramos dar alguns nortes ao Parlamento, Casa tão criticada, muitas vezes justas e algumas vezes injustas. Procuramos fazer a Casa do Povo, onde recebemos todos os movimentos sociais da Bahia: os negros, os homossexuais, as mulheres, os índios, os empresários, os servidores, todos aqueles que queriam ter visibilidade procuravam o Poder Legislativo.

Procuramos também fazer a Casa da Cultura e já editamos e reeditamos 162 livros de pessoas que fizeram a história da Bahia, que contribuíram no mundo político, que contribuíram no mundo social, que contribuíram no mundo empresarial, e entre esses livros está o de Jorge Calmon. Entre esses livros está a história de Ruy Barbosa, escrita por Luís Viana Filho; entre esses livros está a Mulher de Roxo, quem conviveu na década de 70 na Vitória, no Campo Grande, sabe que era uma mulher que não tinha passado, que tinha presente e que nós estamos fazendo o futuro.

Portanto, procuramos direcionar e entre esses livros está aqui uma pessoa das mais queridas e respeitadas do nosso Estado. Eu tive o prazer e a honra de conhecer o Dr. Jorge Calmon, sem dúvida nenhuma uma figura exemplar, uma figura respeitada. Tanto é que 100 anos depois do seu nascimento, todas as instituições, em especial esta Casa, o Tribunal de Contas, a Academia Baiana de Letras, estão homenageando uma pessoa que contribuiu no mundo político, num País que teve grandes dificuldades com a ditadura, mas estava lá sempre a palavra em defesa das liberdades por Dr. Jorge Calmon.

(Lê):- “Agora, em sua homenagem, damos seu nome a um dos mais importantes equipamentos em nossas instalações, o Auditório Jornalista Jorge Calmon, que certamente vai ser o espaço de importantes debates e eventos da nossa Casa Legislativa.”

Portanto, minhas amigas e meus amigos, nós que já estamos aqui faz 25 anos, já passamos por diversos momentos importantes, porque é neste Plenário que se debatem e que se discutem as grandes questões políticas do nosso Estado, com a Base do Governo muito consolidada, mas com a Base de uma Oposição muito aguerrida.

E este Parlamento, talvez nesses últimos oito dias, viveu a cada dia uma nova emoção, quando entregamos a Medalha Dois de Julho a um advogado dos mais respeitados na Bahia, que é Fernando Santana; entregamos também a Medalha Dois de Julho ao médium Divaldo Franco, mas hoje aqui consolidamos esta semana tão especial do Poder Legislativo.

A Casa do Contraditório, a Casa das leis, a Casa das forças heterogêneas, a Casa da proporcionalidade, a Casa do Povo homenageia, através dos 63 parlamentares que representam os 15 milhões de baianos, essa figura ímpar no mundo baiano o Dr. Jorge Calmon.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes):- Convido para reassumir a presidência da Mesa o deputado Marcelo Nilo.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Neste momento ouviremos a música “*Paz do meu amor*”, cantada pelo coral do Legislativo.

(Apresentação do coral.)

Convido todos os deputados presentes; os familiares do homenageado, suas filhas Maria Virgínia e Maria Tereza, seus filhos Jorge Calmon e Mário Calmon, todos os netos presentes, Marcelo, Francisco, Carla, Ana Carolina, Marcos, Jorge Neto e sua esposa Roberta, Renata, Adriano, Cláudia e João; para juntos inaugurarmos a placa e darmos o nome de Jorge Calmon ao auditório desta Casa.

O Sr. Locutor Oficial:- Neste instante, o presidente Marcelo Nilo, juntamente

com os familiares e demais deputados, descerra a placa que denomina o auditório anexo da Assembleia, “Jornalista Jorge Calmon”.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido o Sr. Jorge Calmon Filho para falar em nome da família.

O Sr. JORGE CALMON FILHO:- Digníssimo presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Marcelo Nilo; Sr. Secretário de Comunicação Social, André Curvello, neste ato representando o governador Rui Costa; Srª Procuradora Adjunta, Luciane Croda, representante do Procurador-Geral do Estado, Dr. Paulo Moreno; Sr. ex-governador, vereador Dr. Waldir Pires; Sr. Presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, Conselheiro Inaldo Araújo; meu amigo Francisco Sena; representante do presidente do Tribunal de Contas dos Municípios, Conselheiro Francisco Neto; Sr. Presidente da Associação Baiana de Imprensa, Walter Pinheiro; Sr. Presidente da Assembleia Geral da ABI, Samuel Celestino, grande amigo e fiel discípulo de meu pai; Sr. 1º vice-presidente, deputado Adolfo Menezes; Sr. 2º vice-presidente, deputado Tom Araújo; Sr. 3º vice-presidente, deputado Carlos Geilson; demais Srs. Deputados e Srªs Deputadas, autoridades presentes representadas; Sr. Superintendente de Administração e Finanças da Assembleia Legislativa, Gervásio Carvalho; familiares e amigos de Jorge Calmon; Srªs e Srs., bom dia.

(Lê):- “Quero inicialmente expressar, em meu nome e de toda a nossa família, o nosso sincero agradecimento ao presidente desta Casa e propositor desta Sessão Especial, deputado Marcelo Nilo, pelas tocantes homenagens que tem prestado a meu pai, tanto quando do lançamento do livro "Jorge Calmon - Um Mestre do Jornalismo", da Coleção Gente da Bahia, quanto hoje com a denominação do belíssimo auditório "Jornalista 'Jorge Calmon'" e com esta calorosa sessão especial em homenagem ao centenário dele.”

Parabéns também, deputado, pelas suas bodas de prata nesta Casa — isso é uma alegria para a Bahia — e pelos 10 anos ininterruptos como seu presidente.

Queria também que me permitisse estender esse agradecimento a Paulo Bina, a Délio Pinheiro e a Luís Guilherme Pontes Tavares, dedicados servidores desta Casa e grandes admiradores de meu pai, pelo empenho no planejamento e organização das homenagens ao centenário dele.

(Lê):- “Meu pai foi realmente homem de múltiplos papéis, na imprensa, na política, na cultura e na vida social e assistencial da Bahia, como bem citou o nobre deputado. Mas como ele tornou-se uma pessoa com tantas qualidades? Generoso, culto e desejoso de trabalhar desapegadamente para, ver sua terra e seus conterrâneos progredirem e melhorarem de vida?

Acredito que a resposta está num conjunto de circunstâncias que serviram para moldar sua personalidade. Sem dúvida, a rigidez da educação dada por seus pais, Pedro e Maria Romana, com a ajuda da sua doce e querida irmã mais velha, Dulce,

que ele considerava uma segunda mãe, adicionada à vontade de crescer profissionalmente e constituir uma família, junto com a sorte de fazer boas amizades e sempre estar disposto a aprender e servir, moldaram o caráter e a simplicidade deste baiano admirável.

Nicolau e Pedro Calmon, seus irmãos mais velhos, o orientaram desde cedo. Por Pedro ele tinha muita admiração e gratidão por tê-lo indicado a Ernesto Simões Filho para ingressar em *A TARDE*. O próprio Simões Filho e Ranulfo Oliveira foram seus tutores no início da carreira no jornalismo, sendo Dr. Simões seu eterno conselheiro, de quem foi discípulo dileto. Deputado nesta Casa, por duas vezes, teve referências magistras nos deputados de então, como João Borges de Figueiredo, Josaphat Marinho, Nestor Duarte e Lafayette Coutinho, sendo que os dois primeiros tornam-se amigos próximos e fraternos.

Seu círculo de amizades aumentou com figuras conhecidas na Bahia, como seu cunhado e brilhante médico Luiz Fernando Macedo Costa, irmão de sua esposa Leonor e futuro reitor da UFBA; Antônio Lomanto Junior e Luiz Viana Filho, futuros governadores do Estado; Afonso Maciel Neto, seu advogado particular e amigo de todas as horas; José Silveira, médico pneumologista; além de Luciano. Libório e João Magalhães, Edgar Curvelo, pai de nosso amigo André, entre muitos outros.

Para completar, encontrou em Leonor, a parceira ideal: uma esposa amorosa, culta, inteligente, bonita, que lhe deu seis filhos e era sua conselheira de todos os momentos. Temos uma foto dele assinando a Constituição Baiana de 1947 com a seguinte dedicatória para ela: 'A Leonor, principal e querida colaboradora, com muito amor, do seu Jorge'.

Quando vim ao mundo, logicamente que meu pai já tinha percorrido uma boa parte da sua vida. Dá vontade de ter uma máquina do tempo e voltar para saber tudo que nossos pais fizeram e conquistaram antes de nascermos, não é? Imaginem que em 1960, quando nasci, ele, aos 45 anos de idade, já tinha sido diretor da Biblioteca Pública do Estado, sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, tinha ajudado a fundar a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, a qual presido atualmente, era professor catedrático de História da América e chefe do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, já tinha sido diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, deputado estadual duas vezes, já era redator-chefe de *A TARDE*, tinha criado o curso de Jornalismo da UFBA e já tinha tido 5 filhos. Ufa! Aí chego eu ao mundo, o caçula. Quanta coisa perdi!

Mas não posso reclamar. Vocês acham que ele estava satisfeito com o que tinha alcançado e iria começar a desacelerar? Que nada! A família, havia poucos meses, estava de casa nova, na Vitória, e a vida estava só no começo para mim e para ele. Três anos depois era nomeado secretário de Interior e Justiça de Lomanto Junior. e toma posse também como presidente do Rotary Club Bahia Norte. Em 1965 é eleito para a Academia de Letras da Bahia, 1 ano depois é nomeado Irmão da Santa Casa da Misericórdia e a Associação Baiana dos Cronistas Políticos o escolhe para receber o

título de 'Melhor Secretário de Estado de 1966'.

Nesta época já ajudava irmã Dulce a construir sua magnífica obra assistencial, de diversas maneiras, uma delas publicando gratuitamente nas colunas de Classificados do jornal *A Tarde*, anúncios que diziam:

Acho que muita gente lembra.

(Lê):- “*Ajude Irmã Dulce.*”

Os classificados eram todos salpicados com “*Ajude Irmã Dulce.*”

(Lê):- “A luta do seu amigo José Silveira contra a tuberculose também foi uma das suas bandeiras, sempre publicando matérias e incentivando a colaboração ao IBIT e posteriormente ao Hospital Santo Amaro. Seus amigos julgam jamais ter havido, na Bahia, espírito mais associativo do que o dele. 1967 começa tomando posse como Ministro do Tribunal de Contas do Estado e como presidente da Associação Cultural Ítalo-Brasileira Dante Alighieri. Em 1968, com o AI-5, suspende a publicação de editoriais em *A TARDE* por falta de liberdade de expressão. Em 1970 é eleito presidente da Associação Baiana de Imprensa e no ano seguinte é promovido a Diretor Redator-Chefe de *A TARDE*.

E eu, no auge dos meus 11 anos, o admirava como pai: sempre correto, calmo, gentil, amoroso conosco e com minha mãe, e atento com a nossa educação, mas eu não alcançava, não tinha a compreensão da importância do seu papel como jornalista e homem público: Nessa idade eu gostava de ir ao jornal depois da escola, com minhas irmãs Maria Teresa e Maria Virgínia, para teclar nas máquinas de escrever da redação, fingindo sermos jornalistas, enquanto o esperávamos para irmos juntos almoçar em casa.

Aí chega o ano de 1971 e a diversão aumenta: ele compra sua primeira fazenda de cacau! Éramos só felicidade ao entrarmos na Kombi novinha em folha para nos aventurar a chegar a Ibirapitanga, no sul do estado, para passar o fim de semana com ele, correndo as roças de cacau e aproveitando o tempo juntos.

O tempo passa e a vida se renova: em 1975 *A TARDE* muda-se para a nova sede na Av. Tancredo Neves e, neste mesmo ano nasce João Borges de Figueiredo Neto, seu primeiro neto, filho de Maria Romana e Francisco Borges de Figueiredo, este filho de João Borges, deputado, colega de partido e amigo de meu pai.

Em 1977 é eleito presidente da Academia de Letras e em 1980 recebe a Medalha Tomé de Souza, da Câmara Municipal de Salvador. Em 1985, com 50 anos de profissão e 70 de idade, aposenta-se compulsoriamente como professor da Faculdade de Filosofia. Recebe o título de professor emérito da UFBA e é agraciado com as medalhas Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, do Mérito jornalístico, pela ABI, e do Mérito das Comunicações, do governo federal. Em 1987 recebe, no grau de Comendador, a Ordem do Congresso Nacional.

Em 88 lidera a campanha vitoriosa em *A TARDE* “*A Bahia não se Divide*”,

contra a tentativa de se criar o Estado de Santa Cruz, no sul da Bahia.

Perde sua esposa querida, Leonor, em 1992. Ficaram casados por 44 anos, numa harmonia e num amor admiráveis. Nem eu, nem meus irmãos recordamos de ouvi-los discutir uma única vez. Complementavam-se totalmente.

Em 1995 completa 80 anos e 60 de profissão, sendo homenageado com sessões especiais na Câmara Municipal e nesta Assembleia Legislativa. No ano seguinte, 1996, decide deixar *A TARDE*, após 61 anos de trabalho no jornal. Dedicar-se a escrever livros, artigos semanais para o jornal, além de organizar sua biblioteca, seu arquivo, fotos e a viajar pelo mundo.

Em 2001, aos 86 anos, toma um forte golpe do destino, ao perder repentinamente sua filha primogênita, nossa querida Maria Romana. Para tentar retomar o prumo da vida e seguir adiante ele diz a Samuel Celestino”... (muito emocionado.)

(Palmas.)

Desculpem, desculpem.

(Lê):- “*“Não vou brigar com Deus!”*. E segue em frente. Neste ano ainda, doa à Academia de Letras da Bahia sua admirável coleção de pratos brasonados, que hoje ornamenta o salão nobre daquela casa.

A vida lhe reservava ainda mais cinco anos entre nós. A alegria e descontração da convivência com os cinco filhos, genros, noras e doze netos, compondo um das melhores legados que ele e minha mãe poderiam deixar, a união fraterna entre todos, o deixava muito satisfeito com a família que construiu.

A mim, que tenho a honra de carregar seu nome e de passá-lo a meu filho Jorge Calmon Moniz de Bittencourt Neto, coube ainda, por gosto e interesse de conhecer a fundo a interessante trajetória que teve, a tarefa de cuidar do seu, imenso acervo de textos e fotos. Hoje me sinto feliz por tudo que aprendi com ele em vida e depois, lendo, pesquisando, catalogando fotos e ouvindo os relatos de tantas pessoas agradecidas por terem tido a influência benéfica dele em suas vidas. Todas estas peças me ajudaram a construir a tal máquina do tempo que queria e viajo sempre nela para me deleitar com estórias interessantíssimas que ele viveu. Alguns depoimentos de seus amigos e discípulos foram brilhantemente reunidos no livro “Jorge Calmon, o jornalista”, organizado pelo seu amigo Edivaldo Boaventura. Ao professor peço licença para dividir hoje com vocês quatro deles.

Consuelo Pondé de Sena, recentemente falecida, então presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, fez o seguinte relator '*Conheci-o ao longo de mais de meio século. Dele fui discípula na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de onde foi professor-fundador aos 27 anos de idade. Daquele tempo guardo na memória a pontualidade, o cumprimento do dever, a competência, a descrição e a maneira polida com que se comunicava com os alunos. Exemplar nas atitudes e nos gestos, era senhor de primorosa educação. Respeitado em toda Bahia, frequentou a*

sociedade durante toda a vida. Durante muito tempo, gozou da reputação de homem de maior prestígio pessoal em seu Estado. Sóbrio, correto, ordeiro, generoso e bom, era Jorge Calmon um homem de reconhecida envergadura moral. Além da dignidade pessoal, retidão e senso comum, era dotado de um singular bom humor. Exigente, dado à autocensura, sincero e fiel aos seus princípios, sempre buscou manter o equilíbrio em todos os momentos, agindo com prudência na solução de múltiplos problemas. Este modo de agir não excluía a conduta intransigente quando na defesa dos preceitos que consideravam invioláveis. Objetivo, gostava de iniciar e concluir tudo quando concebia e projetava. Não era dado a vacilações. Não admitia atitudes covardes, nem posturas dúbias. Exigente para consigo mesmo, também o era para quem o comandava. Jamais se amofinava diante dos problemas ou circunstâncias adversas. Impunha-se pelo domínio da situação. Absorvido nos afazeres do seu trabalho, foi um profissional competente e cioso da sua missão, certamente, a maior do seu tempo. Admiravelmente talhado para atuar na imprensa, nela se manteve com autoridade e invulgar dedicação. Mesmo os que divergiam da sua posição, submetiam-se ao seu comando. Respeitavam-no como paradigma do que deve ser um homem de imprensa. Confiava nos amigos e conhecia-os perfeitamente. Possuía, em elevado grau, autodomínio admirável. Não era de recuos, mas sabia transigir quando necessário. Prudente, meditava antes de assumir determinadas atitudes. Por sua determinação e reconhecido prumo, fez-se merecedor do conceito dos seus pares, dos discípulos, dos companheiros das incontáveis agremiações, enfim, da gente do seu Estado e fora dele'.

Para o jornalista Tony Pacheco 'A melhor lembrança que tenho de Jorge Calmon era sua enorme capacidade de administrar competências. Sem dúvida alguma, nunca numa redação de jornal foram mantidas tantas cabeças pensantes, dos mais diferentes ritos e formas, do que em sua época de redator-chefe de "A Tarde". Jorge Calmon não exigia atestado ideológico, religioso ou de qualquer outro tipo ao seu corpo de jornalistas. Pululavam na redação anarquistas, comunistas, direitistas notórios e até fascistas. Ateus militantes conviviam com senhoras pias, candomblezeiros e evangélicos. Homossexuais assumidos, homossexuais não-assumidos, heterossexuais e, para mostrar o seu ecletismo inimitável, até caçadores de homossexuais, querendo exterminá-los, havia de um tudo na redação comandada por Jorge Calmon. De todos ele só exigia duas coisas: competência e fidelidade à empresa "A Tarde". Sem dúvida alguma, em sua época, Jorge Calmon reuniu ao seu lado a nata da nata do jornalismo baiano. E, para tanto, não se contentava apenas em ser tolerante, no sentido de tolerância definido por John Locke: Ele também era um Adam Smith na área financeira: durante o seu longo reinado na redação de "A Tarde", este foi o jornal que pagou os melhores salários no estado da Bahia. Sem sombra de dúvida. Lembro-me de algumas entreveros entre Jorge Calmon e Arthur Couto, então Diretor Administrativo. Arthur defendendo o interesse dos patrões e querendo segurar nossos salários. Estava no papel dele. E Jorge lutando pelos aumentos. Não havia meio de comunicação na Bahia (jornais, TV ou rádio) que pagasse os salários que "A Tarde" pagava, graças a Jorge Calmon. E tem mais: ele

deixava bem claro ao admitir um novo jornalista. Você não seria demitido nunca por contenção de gastos. Só por incompetência. Isso dava tranquilidade ao profissional para planejar a sua vida e a de seus familiares. Alguns dirão, mas “este homem não tinha defeitos não? Tinha. Claro! Mas eu também os tenho. E os meus não são poucos. Por Jorge Calmon ter tolerado todos os meus defeitos, mas ter dado valor apenas aos meus talentos, reputo-o como um dos maiores administradores de competências que já conheci. Pois o maior de todos os talentos é saber administrar talentos. E isto Jorge Calmon sabia como ninguém. Jorge Calmon não tinha medo de sombra, pois sua luz era imensa, incomparável.’

Para Samuel Celestino ‘É muito difícil mensurar um homem tão extraordinário como Jorge Calmon. Diria que não foi somente o maior jornalista que conheci e de quem tive o privilégio de ser discípulo. Jorge Calmon foi o maior jornalista da Bahia em todos os tempos. Sempre sereno, elegante e correto, o jornalista foi o mestre de diversas gerações e guardião dos princípios e da ética da imprensa na Bahia’.

O fraterno amigo, Afonso Maciel Neto, recentemente falecido, resume nestas palavras a importância de Jorge para a sociedade baiana: ‘Como jornalista, ninguém o excedeu nestes últimos cinquenta anos, na destreza da pena, no brilho e na segurança com que redigia um editorial ou um artigo. Nele tudo foi sinceridade, equilíbrio, compostura e cordialidade. Educado, solícito, lhano, sempre disposto à conciliação e ao entendimento. Amava a vida e gostava de fazer amigos. Dir-se-ia um sentimental colecionador de afeições. Cultivava a tolerância, que considerava indispensável. Possuía as melhores qualidades humanas e foi humanitário. Sentira em sua plenitude a filosofia do ideal de ser útil e servia estimulando e ajudando vocações nas letras, no jornalismo e no magistério. Em tudo ele foi grande: na continuidade ascensional da vida; no caráter; na bondade e na altivez; na sociabilidade e na inteligência. Jorge Calmon foi uma dessas figuras tão majestosas e raras no nosso tempo.’

Para nós da família, um homem incrível, de princípios nobres, dedicado à família, que deixou exemplo de vida, pautada no bom caráter, na solidariedade, paciência, refinada educação e alegria de viver. Pai e amigo. Inesquecível!

Finalizo com uma citação dos seus colegas de redação de A TARDE: Jorge Calmon dominou a difícil arte de escrever fácil. E complemento: dominou também a difícil arte de viver; feliz; pensando no próximo; alcançando a plenitude pessoal e profissional. Aí está um homem cuja vida valeu muito a pena!”.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Antes de encerrar esta sessão solene, ouviremos o Hino da Bahia cantado pelo Coral da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

(O Coral da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia canta o Hino da Bahia.)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE(Marcelo Nilo):- Em nome do Poder Legislativo, agradeço a presença de todos e declaro encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.